



Os mercados durante o mês de abril tiveram comportamentos não uniformes, a bolsa americana apresentou valorização de 1,48% enquanto o Índice Bovespa apresentou retorno negativo de 4,04%.

Atribuímos a diferenciação da performance dos mercados a diversos acontecimentos ao longo do mês, um dos fatores foi a surpresa positiva dos dados econômicos americanos, que além de mostrarem uma situação atual mais robusta também dão sinais positivos quanto a manutenção da recuperação vivida até o presente momento.

Ao mesmo tempo, as economias emergentes continuam o processo de retirada de estímulos introduzidos durante a crise, em especial a China, que aliada à política monetária via aumento de compulsório utilizou-se de medidas administrativas (restrições no mercado de crédito) focando principalmente o mercado imobiliário com o objetivo de conter um super aquecimento da economia.

Esses fatores em conjunto fizeram com que houvesse uma rotação dos investimentos dos mercados emergentes principalmente para os EUA.

Além dos fatores acima, a situação européia continua bastante presente nas discussões. Apesar de uma demonstração de comprometimento tanto dos países membros da UE quanto do FMI em contribuir com EUR 110 bilhões para garantir o financiamento da dívida Grega durante os próximos três anos, o mercado ainda continua bastante reticente em relação aos efeitos colaterais dessa crise. Em um cenário que a solução não envolva todos os países em situação delicada (conhecidos como PIIGS – Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha), o risco de contágio da atual crise Grega para esses outros países é significativo. Portanto, se essa percepção de risco afetar Espanha e/ou Itália, a situação muda de figura, pois são países de grande representatividade na economia da Zona do Euro.

Quanto ao Brasil, começamos efetivamente o processo de aumento de juros, muito por conta dos sinais latentes de retomada da expansão econômica e do aumento dos riscos associados a uma pressão inflacionária. Os dados de mercado de trabalho continuam a sinalizar grande criação de postos de trabalho formal, trazendo o nível de desemprego para níveis baixos historicamente. A recente divulgação da produção industrial mostra que já recuperamos toda a queda registrada durante a crise. Em função disso, diversos economistas revisaram suas estimativas para o PIB brasileiro, que se situa ao redor de 7% de crescimento para 2010.

Continuamos com nossa postura mais defensiva buscando somente alocações em ativos com boa relação de risco x retorno. Temos nos esforçado continuamente na busca por ativos que possam servir como proteção às nossas carteiras, pois apesar de acreditarmos que a conjuntura econômica atual será mantida, entendemos que existe a possibilidade do cenário de curto prazo se tornar menos favorável aos ativos de risco de maneira geral.